

UMA LEITURA INICIAL DE *CADERNOS DE OPINIÃO* E *ENSAIOS DE OPINIÃO 1*

Roberta Lopes Bertacco

Os dois primeiros números desta revista, que surgiu como um projeto do empresário Fernando Gasparian após a crise e o término de seu jornal *Opinião* foram publicados pela editora Inúbia com o nome *Cadernos de Opinião*, em junho de 1975. No mesmo ano foi publicado o terceiro número, mas com o nome *Ensaaios de Opinião*, seguindo assim até seu último número, em 1979, quando a revista, sem periodicidade fixa, deixou de ser publicada.

Neste trabalho tenho por objetivo descrever sucintamente os dois únicos números de *Cadernos de Opinião* e os dois primeiros números de *Ensaaios de Opinião*, os quais já estão indexados no banco de dados do projeto *Poéticas Contemporâneas*, analisando sua estrutura, seus colaboradores, os temas mais frequentes e também levantando hipóteses de leitura a serem confrontadas com a continuidade da pesquisa destes periódicos da década de 70.

Em contato com o editor, Fernando Gasparian, fui informada que a troca de nome da revista se deve à perseguição do regime militar a todos que faziam parte da *imprensa alternativa* ou *nanica*, intensificada na década de 70:

Visto como um segundo momento da ditadura militar instaurada em 1964, a década de 70, segundo Flora Süssekind, mostra-se, do ponto de vista cultural, muito mais tumultuada que o período de 1964 a 1968. O governo de Emílio Garrastazu Médici, “eleito” em fins de outubro de 1969 pelo Alto Comando das Forças Armadas, instaura uma “política repressiva”, com cortes e censuras dirigidas à produção artística e teórica daquele momento e ainda com êxodo voluntário ou não de vários produtores culturais do país.²

Surge assim uma pergunta a partir da informação de Gasparian: será que *Ensaaios de Opinião* continuou seguindo a mesma proposta de sua antecessora, mantendo o mesmo estilo no que diz respeito a seu conteúdo? Esta é uma das questões que venho a levantar neste trabalho, já que existe uma diferença na etimologia e no significado das palavras cadernos e ensaios. Temos

1 “O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico”.

2 COTA, Débora. *Contra fato, há argumento*. Tese de Mestrado, 2000, p. 13.

do latim *quaternus*, singular do distributivo *quaterni*, quatro a cada um, os cadernos compunham-se de quatro folhas. Papéis cortados, colados ou cosidos, dobrados e encartados, formam assim um objeto pessoal de anotações e exercícios. Impresso e vendido nas bancas para milhares de leitores, caderno designa uma publicação seriada, periódica, ou parte de um jornal. ³

Por sua vez o

ensaio, do francês *essai*, se caracteriza pela reflexão crítica e argumentativa que aborda livremente os assuntos mais variados, escrita não conclusiva que autoriza um sujeito individual e valoriza a experiência pessoal. O ensaio escapa à enciclopédia, à totalização do saber, foge à classificação inequívoca, não se deixa definir, não respeita as fronteiras estabelecidas entre a arte e a ciência, instaura a dúvida. O texto sem forma rígida, que o coloca no intervalo entre o discurso poético ou ficcional e o discurso filosófico, a dispensa de certeza categórica, a relatividade dos valores, o caráter inclusivo, fazem com que os ensaios sejam esquecidos pela certeza moderna que lhes sucede. ⁴

Theodor Adorno escreve sobre ensaio e sua característica crítica e de fuga de definição:

O ensaio tem a ver, no entanto, com o que há de opaco em seus objetos. Ele quer abrir o que não cabe em conceitos com os próprios conceitos ou aquilo que, através das contribuições em que se enredam, acaba revelando que a rede de sua objetividade seria mera disposição subjetiva. Ele quer polarizar o opaco, desabrochar as forças aí latentes ⁵

Apesar das diferenças conceituais e etimológicas, não fica claro nestes primeiros números se existe realmente uma diferença entre *Ensaaios de Opinião* e *Cadernos de Opinião* no que diz respeito aos seus objetivos e conteúdos a não ser pelo fato de que nas revistas já indexadas o espaço reservado para a literatura é muito maior em *Cadernos* do que em *Ensaaios*. Sendo assim, outra questão que venho a levantar e que deverá ser respondida com a continuidade das leituras é: por que o tema literatura tem espaço mais amplo em *Cadernos de Opinião*?

3 TELLES, Renata. *Glória Póstuma: Almanaque objeto de estudo*. Tese de Mestrado, outubro de 1999, p. 17.

4 Idem, p. 19.

5 ADORNO, T.W. *O ensaio como forma* In. COHN, G. (org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986, p. 186.

Ensaio de Opinião teve 2+1 como seu primeiro número de publicação, seguindo assim até o número 2+8 e terminando com o número 15. Isto, de certa forma, serviu para indicar uma continuidade a *Cadernos de Opinião*.

No que diz respeito à estrutura, os periódicos pesquisados mantêm uma certa uniformidade quanto ao aspecto gráfico. Feitos em papel jornal, possuem a capa em couchê sempre na cor preta contendo o nome da revista, seu número e os nomes de seus colaboradores. As revistas número 1 e 2+1 apresentam títulos específicos referentes a assuntos tratados nas mesmas, sendo eles: “O capitalismo Pós-Nacional” (texto de Celso Furtado) e “Getúlio Vargas” (textos de Nelson Werneck Sodré, Moysés Vellinho, Sérgio Cabral, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Manuel Maurício e Mattos Pimenta, todos referentes a este título), respectivamente.

Os dois números de *Cadernos de Opinião* e o segundo número de *Ensaio de Opinião* apresentam treze artigos cada, já a revista de número 2+1 apresenta vinte e quatro artigos. Nenhuma delas é dividida em seções, todas apresentam no seu índice o nome dos artigos e seus colaboradores, sendo que a revista número 2 faz ainda uma apresentação de cada um deles.

Não apresentam nenhuma propaganda ou patrocínios, com exceção da revista número 2 que apresenta os últimos lançamentos da editora Paz e Terra em sua contracapa. As ilustrações passam a existir a partir deste número e são em sua maioria charges e desenhos. A revista número 2+1 apresenta algumas fotos de Getúlio Vargas em seus discursos e duas fotos da antiga União Soviética.

Quanto a seus colaboradores, as revistas trazem nas suas publicações nomes de intelectuais reconhecidos como de esquerda na época: historiadores, críticos, filósofos, assim como grandes nomes da literatura brasileira e mundial. Nomes como: Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado, Eduardo Guinle, José Serra, E.J. Hobsbawm, Octávio Paz, Heitor Ferreira Lima, Bresser Pereira, Paulo Brossard, Philippe Sollers, Bertold Brecht, Roberto Schwarz, Daniel Leconte, Hélio Jaguaribe, Walnice Nogueira Galvão, José Arthur Giannotti, Theodor Adorno, Jean-Paul Sartre, Sérgio Cabral, e Gabriel García Márquez.

As quatro revistas apresentam textos sobre economia e política em maior número. Nelas estão publicados textos nacionais e internacionais, escritos para a própria revista ou já publicados anteriormente em outros periódicos ou apresentados em seminários destas áreas, como o texto “Autoritarismo e a democratização necessária”, que pertence à introdução do livro *Autoritarismo e democratização*, de Fernando

Henrique Cardoso, e também o texto “O capitalismo Pós-Nacional — Uma interpretação da “crise” econômica atual”, de Celso Furtado, que já havia sido apresentado em conferência na Universidade de Teheran. Além destes, muitos artigos que tratam da situação econômica e política do Brasil foram publicados como “À margem da Revolução de 30”, de Moysés Vellinho, “A época de Vargas”, de Nelson Werneck Sodré, “Os primeiros empréstimos externos”, de Heitor Ferreira Lima, entre vários outros que tratam da situação da América Latina, como o texto “O desenvolvimento da América Latina”, de José Serra. A situação da Europa e da antiga União Soviética também é relatada na revista, assim como textos sobre música, teatro e filosofia, mesmo que em menor quantidade. Estes textos eram publicados como crítica ao modelo econômico da época.

No que diz respeito à literatura, textos de grande repercussão desta área foram publicados, como “Transculturação na narrativa Latino-americana”, de Angel Rama, que trata dos momentos culturais da América Latina, dando ênfase à literatura e à lingüística e explicando termos como “transculturação”, “desculturação”, “reculturação” e “neoculturação” através da análise de autores latino-americanos; “A imaginação no poder em Macondo” é uma transcrição da entrevista de Gabriel García Márquez a Eduardo Gonzáles Bermejo, na qual García Márquez fala sobre seus livros *Cem anos de solidão* e *Outono do patriarca*, de seus planos futuros para o cinema e a televisão (com Ruy Guerra e Francesco Rossi) e de sua função política como escritor; “Auto-retrato de Sartre aos setenta anos” é um texto que relata uma entrevista feita por Michel Contat a Sartre na qual este fala sobre seu envelhecimento e problemas de saúde, sobre literatura e o fato de não poder mais escrever devido a problemas de visão, sobre sexualidade, sobre seus livros e diferentes estilos, sobre anarquismo e marxismo, sobre o valor da música em sua vida, seus hábitos e rotinas, seu relacionamento com Simone de Beauvoir, sobre ser uma celebridade e o que isto representa para ele, falando ainda sobre sua relação com o dinheiro e construindo assim seu próprio retrato aos setenta anos.

Outros textos de suma importância na área literária publicados nestas revistas são: “Sartre e Brecht, engajamento na literatura”, de Theodor W. Adorno, que discute o engajamento na literatura e nas obras de arte, comparando idéias estéticas de Sartre às de Brecht. Comenta o lado político de Brecht e sua representação na Alemanha, o sofrimento e sua relação com a arte, a relação de Kafka e Beckett com o experimentalismo contemporâneo, as dimensões do engajamento na Alemanha e na

França e a diferença entre eles, assim como a política da arte autônoma; e o texto “Amado: respeitoso, respeitável”, de Walnice Nogueira Galvão, que faz uma análise do livro “Tereza Batista Cansada de Guerra”, criticando-o negativamente e comparando seus personagens e enredo aos de Brecht, Buñuel e Defoe. A autora faz crítica à literatura best-seller e ao escritor Jorge Amado, considerado no texto um autor de mercado. Com este ensaio a revista faz sua crítica à indústria cultural, demonstrando preocupação no que diz respeito a este tema.

De certa forma se verifica uma linha de continuidade entre estas revistas e outros periódicos de resistência da época. Isto se comprova através dos colaboradores e do editor de *Cadernos de Opinião* e *Ensaio de Opinião*, os quais também escreveram para outros periódicos contra o regime militar, e através dos textos publicados, pois muitos deles já haviam feito parte de revistas, jornais e seminários da mesma linha.

Considero como principal elo desta continuidade o texto “Criando o romance brasileiro”, de Roberto Schwarz, que causou grande repercussão na área da literatura e que já havia sido publicado na revista *Argumento* número 4 (da Editora Paz e Terra, também editada por Fernando Gasparian) em fevereiro de 1974. Como este número da revista havia sido recolhido pela ditadura e, devido a isto, sua circulação teria sido muito pequena, ele foi republicado em *Cadernos de Opinião*. O referido texto faz parte de um estudo do autor sobre Machado de Assis ⁶ e apresenta uma análise crítica da literatura brasileira, baseando-se principalmente no romance *Senhora* de José de Alencar, no que diz respeito à soma da forma européia e a matéria local nos romances escritos no Brasil. Neste texto o autor analisa também Machado de Assis e alguns escritores europeus em contra-posição a José de Alencar.

Embora o espaço deixado para os textos sobre literatura seja menor, a qualidade deles nos dá uma dimensão da importância deste tema para a revista, pois boa parte destes textos publicados, em sua maioria em *Cadernos de Opinião*, tornaram-se capítulos de livros e referência para os estudos literários.

Através da continuidade da minha pesquisa, iniciada há cinco meses ⁷, poderei fornecer mais dados sobre o tema e relacioná-los com o período histórico em que foram escritos e, quem sabe, responder aos questionamentos aqui levantados.

⁶ Trata-se do hoje antológico *Ao vencedor as batatas*, publicado em 1977 pela editora Duas Cidades.

⁷ Este texto foi escrito em outubro de 2001.

